

A CONDESSA MAHAUT

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649126019

A Condessa mahaut by Luciano Cordeiro

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

www.triestepublishing.com

LUCIANO CORDEIRO

**A CONDESSA
MAHAUT**

CARTAS DE HISTORIA PORTUGUEZA

A CONDESSA MAHAUT

POR

LUCIANO CORDEIRO

1844-1930

Antigos são, mas inda resplandecem
C'o nome entre os engenhos mais perfeitos.

Cartões, *Letr.* VIII.

244 pp



LISBOA

na LIBERAL, *Officina Typographica*
216, Rua de S. Paulo, 215

1899

1899



QUANTOS leitores portuguezes,— quantos estudiosos, até,— encontrando-se casualmente na historia da Europa Central com a figura extraordinaria da Condessa Mahaut, a segunda mulher do grande Philippe de Alsacia, nem vagamente terão suspeitado de que fosse portugueza essa mulher formosa e forte que parece ter levado no sangue e no character os brios e o engenho da nascente nacionalidade que se constituia aqui atravez e apesar das violencias e das cubiças dos poderosos vizinhos!

Quantos, tambem, passeando olhos pasmados pela formidavel génese dos povos e dos Estados modernos,— ou parando-os na historia d'aquella França prestigiosa que faz a maior parte da nossa deleitação litteraria ou da nossa educação social,— quantos, nem por sombras terão percebido no excentrico personagem que lucha e cae heroica-

mente em Bovines tentando estrangular á nascença essa mesma França, a figura fundamente caracteristica, original, de um portuguez que, a bem dizer, affirma já, em pleno seculo xii, o typo aventureiro e resistente da raça nova que se formava n'esta nesga extrema do Occidente europeu, á beira do irrequieto Oceano, em face dos horisontes suggestivos do Desconhecido e do Ideal!

Os nossos historiadores, é claro, não se esquecem geralmente de registrar, em dois traços, n'uma especie de obituario antecipado de velho chronicon monastico, que uma Princeza portugueza, uma filha do nosso primeiro Rei, se foi d'aqui a participar o nome e o poder do Conde de Flandres, o maior feudatario da corôa de Luiz vii e de Philippe-Augusto.

Por signal que, ou confessam sinceramente não saber como isto foi, ou não se importam saber o que depois succedeu.

Tão pouco deixam de dizer-nos as historias nacionaes, -- parca ou superficialmente, embora, -- que um Principe portuguez, neto do mesmo Rei, sobrinho da mesma mulher, abandonando a Patria, -- não se sabe quando, precisamente, -- se achou feito, n'um dia, -- não importa qual, -- conde e senhor d'aquelle mesmo feudo de Flandres, consequentemente, -- bem lhes importa, tambem, a consequencia! -- primeiro Par e Condestavel da velha França capétiana e militante!

É sabido, comtudo.

Mahaut, Mahthild, Mathilda, *Mathilde*, é Dona Thereza, filha de Dom Afonso Henriques e de sua mulher a Rainha Mahalda, Mathilda, *Mafalda*.

Ferrandus, Ferrant, o *Conde Ferrant*, é Dom Fernando, filho de Dom Sancho o Primeiro e da Rainha Dulcia, Dulce, Aldonsa, Dona *Doce*.

Não se trata, evidentemente, de uma revelação ou de uma descoberta erudita.

Mas estas, como tantas outras existencias vigorosas e opulentas que, destacando-se aventurosamente da Raça ou da Patria, vão, de alguma maneira, continual-a, affirmal-a, distinctamente, ás vezes, n'uma individualisação gloriosa de influencia ou de acção, em meios extranhos e longinquos, são almas penadas que vagueiam n'um desamovavel abandono em volta do ninho natal, esquecidas e ignoradas, como se, por tê-lo abandonado um dia, devessem ficar necessariamente indifferentes e alheias ao culto e á lição do nome e da historia commum.

E quantas não ficaram!

Quantas contribuíram, funda e longamente, inconscientes ou dedicadas, para o trama complicado e vário, polychromo e multiforme do desenvolvimento historico da propria existencia nacional de que um simples acaso de fortuna as separou e scindiu bruscamente?!

Quantas, fortuita ou propositadamente, foram ou continuaram sendo, mais ou melhor do que se tivessem presistido vinculadas ao meio originario,

agentes ponderosos, irrecusaveis dos destinos patrios ?!

A historia portugueza como geralmente se tem feito, — Herculano á parte, — ou como se faz ainda; — a propria historia da formação da nossa nacionalidade, — porque não dizemos: da nossa raça? — quando não conte como factor organico as nossas velhas relações com a Europa central, ou melhor: com a Europa septentrional; — o movimento, a influencia, a penetração ethnica e social d'essas relações, desde a forte migração e colonisação de gentes do Norte até ao convívio mercantil e ás allianças principescas do periodo da consolidação portugueza: — será sempre, fatalmente, uma historia incompleta e truncada, não raramente inintelligível e absurda.

A cada passo se achará embaraçada e hesitante a explicação, a comprehensão da existencia e da resistencia politica, — do desenvolvimento e da individualidade segura e nítida de Portugal no tempo e no espaço, atravez dos seculos e a despeito da artificiosa unidade e das estupidas pretensões politicas da Hespanha.

Pois bem: no conjuncto genesiaco, na laboração complexa e fatal de circumstancias e de acontecimentos que approximando as raças e os povos os faz mais ou menos intensamente penetrar-se e transfundir-se, definindo e creando novos productos historicos, — novos povos, novos Estados, raças novas, até; — o individuo não é, tão pouco,

um termo perdido e alheio, não é sempre um termo passivo e inerte, e tanto que é elle, muitas vezes, — e é isto que faz a sua grandeza na Historia, — que inconscientemente, suscita ou interrompe, origina ou annulla o trabalho e o resultado d'essa laboração em que é variamente agente, paciente e reagente.

Não desnovelando aqui o thema, tão complexo como interessante, mas recordando um exemplo, entre muitos, que felizmente começa a estimular a attenção dos estudiosos sinceros: — quem não hade sentir e reconhecer, palpitando ainda nas paginas relativamente modernas da historia nacional, a velha e intensa influencia exercida pelas nossas relações com aquelles originaes e malogrados paizes da Flandres e da Borgonha, de um dos quaes nos veiu authenticamente o primeiro chefe na campanha da Independencia, e a ambos os quaes démos alguns dos mais notaveis campeões da sua prestigiosa e tradicional grandeza?

Sobre os dois personagens que vamos avocar agora, das chronicas sédiças e ignoradas de ha seis seculos para o desfástio intellectual de repousada palestra, pesa alguma cousa mais injusta e ingrata do que o absoluto esquecimento da terra e da gente d'onde elles partiram para a Historia.

Recalca-lhes e fere-lhes a memoria, — hoje ainda! — implacavel e feroz, a lenda da paixão e do interesse politico que estes dois grandes desgraça-

dos tiveram de embargar e combater, inutil, mas valorosamente, um dia, vae em seiscentos annos.

Aqui a tenho diante dos olhos, aberta, escancarada, na velha copia de vetustissimo codicce, — simultaneamente ingenua e odiosa, encantadora e medonha, graciosa como uma balada, sombria como a Tragedia: — essa terrivel lenda que logo em vida dos dois se apossou de ambos com os seus longos tentaculos de inveja e de calumnia; — essa mesma lenda que açulou a canalha de Paris a apurpar um d'elles quando entrava, vencido e amarrado, na grande cidade; — que resfolgou triumphante sobre os lodos de Furnes quando afogaram e sepultaram o outro.

Aqui a tenho, em flagrante, na sua condensação, na sua expressão a bem dizer original e coeva, a triste lenda da grande, da forte *Condessa Mahaut*, — a filha do nosso primeiro Rei, — e do ousado, do aventureiro rapaz que se chamou o *Conde Ferraut*, — o digno filho do nosso Dom Sancho I, ambos envoltos e enxovalhados de fresco, — com a doce e dedicada companheira d'elle, — pela injustiça bruta, inconsciente das multidões, não pouco, tambem, pelos interesses e pelas revindictas dos antagonismos politicos do tempo, que a Historia parece ter desalmadamente perfilhado.

E' um volume da *Symmicta Lusitana*, da soberba collecção de copias documentaes mandadas colher nos archivos do Vaticano, ha bem cento